

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**LITERATURA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA: CRÍTICA SOCIAL E
POLÍTICA NA OBRA DE MÁRCIO SOUZA**

VINICIUS RIBEIRO TEIXEIRA

PARINTINS

2025

VINICIUS RIBEIRO TEIXEIRA

LITERATURA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA: CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA NA
OBRA DE MÁRCIO SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Licenciatura em Letras à Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP para conclusão do curso.

Orientação: Prof.^a Dra. Delma Pacheco Sicsu.

PARINTINS

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R4841 Ribeiro, Vinicius
 Literatura como um ato de resistência: crítica social e política na obra de Márcio Souza / Vinicius Ribeiro. Manaus : [s.n], 2025.
 23 f. ; 21.0 cm.

 TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
 Orientador: Dra. Delma Pacheco Sicsú.

 1. Márcio Souza. 2. Amazônia. 3. Crítica social. 4. Literatura brasileira. 5. Colonização. I. Dra. Delma Pacheco Sicsú (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, à minha mãe, Rosinei Ribeiro, e ao meu padrasto, Wyller de Lima, cuja presença firme e amorosa moldou meus passos e acalentou meus dias. Foi com vocês que aprendi a levantar quando o mundo pesava, e a acreditar que o conhecimento também é um gesto de esperança.

Dedico à minha namorada, Pérola Paixão, cujo nome já anuncia luz. Obrigado por iluminar meus caminhos, por me lembrar da beleza mesmo nos períodos mais difíceis e por ser abrigo quando a jornada exigia mais de mim do que eu imaginava ter.

E dedico, enfim, a mim mesmo, ao que fui e ao que me tornei. A este eu que insistiu, que se reinventou, que suportou noites longas e dias densos, e que descobriu, entre cansaços e conquistas, que superar limites também é uma forma de renascer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me sustentou em cada etapa desta caminhada e me deu forças quando eu mesmo duvidei da minha capacidade. Sem Ele, nada disso seria possível.

À minha família, deixo meu amor e gratidão. À minha mãe, Rosinei Ribeiro, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu não acreditava. Ao meu padrasto, Wyller de Lima, que esteve ao meu lado e me apoiou na minha educação, oferecendo não apenas suporte, mas exemplo, cuidado e presença. Vocês são a base que me sustentou até aqui.

À minha namorada, Pérola Paixão, meu agradecimento mais sincero. Obrigado por segurar minha mão nos momentos difíceis, por me lembrar do meu valor e por não me deixar desistir quando o cansaço e o medo pareciam maiores do que eu. Sua parceria foi fundamental para que eu chegasse ao fim deste trabalho. À minha sogra, Carla Vanessa, agradeço pelo acolhimento e carinho, por abrir as portas de sua casa e de sua família para mim, oferecendo apoio que fez toda diferença.

À minha orientadora, professora Delma Sicsu, deixo meu reconhecimento e gratidão. Obrigado por me acompanhar desde o início, por acreditar na minha pesquisa, por me orientar com paciência e firmeza, e por me ajudar a enxergar caminhos quando eu não sabia onde pisar. Sua presença foi essencial para que este TCC ganhasse forma.

A todos vocês, meu muito obrigado. Este trabalho também é de vocês.

LITERATURA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA: CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA NA OBRA DE MÁRCIO SOUZA

Orientadora: Prof^a. Dra. Delma Pacheco Sicsú¹

Orientando: Vinicius Ribeiro Teixeira²

Resumo

Este trabalho analisa a crítica social e política presente nas obras *Galvez*, *Imperador do Acre* e *Mad Maria*, de Márcio Souza. A pesquisa, de caráter bibliográfico, compreendendo como o autor utiliza a ironia, a releitura crítica de episódios históricos e a denúncia da violência associada aos projetos de modernização para evidenciar contradições que estruturam a formação da Amazônia. Em *Galvez*, a narrativa expõe a farsa política que envolveu a disputa pelo Acre, evidenciando práticas coloniais e interesses estrangeiros. Em *Mad Maria*, o romance retrata a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, destacando a desumanização dos trabalhadores e os impactos ambientais do projeto. Ao articular elementos literários e históricos, o estudo mostra que a obra de Márcio Souza funciona como instrumento de resistência simbólica e de crítica às formas de exploração que estruturam a região, reafirmando a importância da literatura para compreender tensões sociais e culturais da Amazônia.

Palavras-chave: Márcio Souza; Amazônia; Crítica social; Literatura brasileira; Colonização.

Abstract

This study analyzes the social and political critique present in Márcio Souza's works *Galvez*, *Imperador do Acre* and *Mad Maria*. Based on a bibliographic research approach, to understand how the author employs irony, critical reinterpretations of historical events, and the denunciation of violence associated with modernization projects to highlight the contradictions that shape the formation of the Amazon region. In *Galvez*, the narrative exposes the political farce surrounding the dispute over Acre, revealing colonial practices and foreign interests. In *Mad Maria*, the novel portrays the construction of the Madeira-Mamoré Railway, emphasizing the dehumanization of workers and the environmental impacts of the project. By articulating literary and historical elements, the study demonstrates that Márcio Souza's work functions as an instrument of symbolic resistance and critique of the forms of exploitation that structure the region, reaffirming the importance of literature in understanding the social and cultural tensions of the Amazon.

Keywords: Márcio Souza. Amazon region. Social criticism. Brazilian literature. Colonization.

INTRODUÇÃO

A Amazônia ocupa posição central nas discussões sobre identidade, história e política no Brasil. Muito além de um território marcado por exuberância natural, ela constitui um espaço de disputas simbólicas, interesses econômicos e processos históricos que moldaram, de maneira

¹ Dra. em Licenciatura pela UNB, Mestre em Letras em Arte pela UEA, Especialista em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna pela UFAM, Graduada em Letras e Comunicação Social/Jornalismo pela UFAM; Professora do curso de Letras CESP/UEA; E-mail: dsicsu@uea.edu.br

² Finalista do curso de graduação de Licenciatura em Letras pela UEA.

profunda, a experiência social da região. Ao longo dos séculos, a Amazônia foi alvo de projetos colonizadores, tentativas de ocupação improvisada, iniciativas de modernização acelerada e explorações de larga escala que, em grande medida, desconsideraram as populações locais, transformando a floresta em cenário de conflitos e contradições. A compreensão desses processos exige não apenas uma abordagem historiográfica, mas também uma leitura atenta das narrativas literárias que se debruçam criticamente sobre esse território.

Entre os autores que mais contribuíram para a construção de uma literatura comprometida com a realidade amazônica, se destaca Márcio Souza. Suas obras ultrapassam o mero registro ficcional, assumindo um papel ativo de crítica social e política ao questionar discursos oficiais e revelar estruturas de poder frequentemente silenciadas. Em *Galvez, Imperador do Acre* e *Mad Maria*, o autor revisita episódios marcantes da história regional e nacional, expondo ironias, violências e contradições que estruturam a trajetória da Amazônia no contexto brasileiro. Ao transformar acontecimentos históricos em matéria literária, Souza evidencia sujeitos marginalizados e tensiona versões consagradas pela historiografia tradicional.

A escolha dessas duas obras assume papel central neste estudo, pois possibilita compreender a Amazônia não apenas como espaço geográfico, mas como território de memória, resistência e disputa simbólica. Nos romances analisados, a ficção opera como instrumento de denúncia e de reelaboração crítica do passado, permitindo uma leitura aprofundada das relações sociais, políticas e econômicas que marcaram a região. Ao articular diferentes estratégias narrativas, Márcio Souza evidencia tanto a permanência de práticas coloniais quanto as formas de resistência que emergem diante de processos de dominação impostos à Amazônia.

Diante disso, este trabalho teve como objetivo analisar como *Galvez, Imperador do Acre* e *Mad Maria* constroem uma crítica à exploração amazônica por meio de recursos como a ironia, a releitura de episódios históricos e a representação da violência associada aos projetos de modernização. A pesquisa desenvolvida possui caráter bibliográfico e abordagem qualitativa, se fundamentando na análise temática das obras literárias em diálogo com referenciais da crítica literária e da sociologia da literatura.

O trabalho está organizado em quatro partes principais. Inicialmente, apresenta-se o referencial teórico, no qual são discutidos conceitos fundamentais sobre literatura, crítica social, dialogismo e colonização. Em seguida, se descrevem os procedimentos metodológicos que orientaram a análise das obras. Posteriormente, desenvolve-se a análise dos romances,

destacando os principais eixos temáticos identificados. Nas considerações finais, sintetizam-se os principais resultados alcançados, evidenciando as contribuições do estudo para a compreensão crítica da formação da Amazônia e reafirmando o papel da literatura de Márcio Souza como instrumento de reflexão histórica, social e cultural.

1.1 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE CRÍTICA SOCIAL E RESISTÊNCIA

A literatura, quando pensada para além do entretenimento, atua como mediadora entre experiências individuais e estruturas sociais. Ela é, pois, um espaço de intervenção ética e política. Nessa perspectiva, o fazer literário não apenas representa a realidade, ele a problematiza, insurge contra naturalizações e abre fraturas na narrativa hegemônica. Autores do campo teórico da crítica literária e da sociologia da literatura como Antonio Candido (2009), Terry Eagleton (1993) apontam que a obra só existe plenamente em relação ao público e ao contexto, o que confere à escrita um potencial transformador, condição que autores como Márcio Souza explora ao transformar fatos históricos e acontecimentos regionais em dispositivos de desconstrução histórica. Antonio Candido resume bem esse caráter relacional da literatura ao enfatizar sua dimensão social:

Finalmente, a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente.
(2006, p.84.).

Esse trecho do livro *Literatura e Sociedade* (2006), nos lembra que a obra literária produz efeitos somente quando dialoga com públicos e contextos, a literatura intervém no campo social ao suscitar interpretação, consciência crítica e resistência simbólica. Percebe-se que, para Candido, o valor crítico da literatura não é resultado de uma intenção isolada do autor, mas, da circulação da obra em um campo social que possibilita a emergência de leituras críticas e práticas de resistência. Essa abordagem sociológica fornece um suporte teórico sólido para compreender por que autores amazônicos recorrem a literatura e à paródia para desestabilizar discursos oficiais e políticas de apagamento.

Márcio Souza, na sua ficção, materializa essa função crítica ao recontar a história como em Galvez o imperador do Acre sob múltiplos prismas, expondo lacunas e contradições do discurso oficial. Como aponta a análise sobre *Galvez, imperador do Acre Um “Folhetim Oficial” Da História Do Brasil.*, o artigo propõe que:

a história não é única, fechada; ao contrário, é um mar de caminhos e o leitor deve decidir construir o seu conhecimento dela a partir do acesso a várias versões dos mesmos fatos, narrados sob diferentes ângulos, não simplesmente pela aceitação de uma versão como verdade absoluta.

(SANTOS, 2009, p. 99).

Esse recorte nos permite compreender como Souza faz da narrativa uma ferramenta polifônica, a multiplicidade de vozes e ângulos desnaturaliza a versão hegemônica, convidando à reflexão. O procedimento paródico/folhetinesco é, portanto, também tática de resistência discursiva, pois história oficial perde sua aparência de única ontologia quando posta em cena como construção ficcional sujeita a desmontagens e ironias. A força da literatura de resistência aparece também na representação da violência simbólica e material vivida por populações marginais.

Silviano Santiago, ao pensar o “entre-lugar” do discurso latino-americano, ajuda a entender como a literatura produz espaços de tradução e de fronteira entre o universal imposto e a experiência local, pois ao deslocar e rearticular enunciados centrais, a escrita cria um “entre” que permite disputar sentidos e identidades (SANTIAGO, 1971). Essa noção de “entre-lugar” articula-se bem com a prática de Márcio Souza, ao transitar entre a paródia, invenção histórica e realismo cru, a obra cria uma zona intermediária que desestabiliza certezas e possibilita a resistência discursiva. Comentando o aporte de Silvano, entende-se que a literatura amazônica, produz um deslocamento do eixo do sentido, não aceita passivamente categorias hegemônicas; antes, reconfiguradas em função de uma experiência histórica marcada por colonização, extrativismo e marginalização cultural.

Assim, a literatura se revela não apenas como expressão estética, mas como prática social capaz de intervir na realidade, denunciar injustiças e propor novas formas de perceber o mundo. Em autores como Márcio Souza, essa função crítica se concretiza de modo incisivo, pois, suas narrativas não se limitam a retratar a Amazônia, todavia, questionam as versões oficiais da história, expondo os silenciamentos e os custos humanos do chamado progresso. Ao recorrer a recursos como a paródia, a hipérbole e a sátira, o autor amplia o potencial da literatura como instrumento de resistência, transformando a ficção em espaço de desmascaramento.

É nesse ponto que a análise desse estudo se direciona para *Galvez, Imperador do Acre*. Nesse romance, a ironia se torna a principal estratégia de crítica histórica, revelando as contradições do processo de ocupação da Amazônia e desmontando a grandiosidade das narrativas oficiais. Se, em um primeiro momento, refletimos sobre a literatura como forma ampla de crítica social, agora veremos como, em *Galvez*, a ironia opera como lente privilegiada

de resistência, desvelando o caráter farsesco da história e a permanência das práticas de exploração.

1.2 A Crítica Literária Como Leitura Das Contradições Sociais: Fundamentos Teóricos Para A Análise Da Narrativa

A crítica literária de orientação social compreende a obra literária como uma forma peculiar de conhecimento sobre a realidade histórica, social e ideológica. Esse enfoque entende que a literatura não existe isolada, mas, nasce das contradições que atravessam a vida social, sendo capaz de se revelar de maneira singular. Antonio Candido, ao discutir a constituição da literatura brasileira, afirma que ela expressa simultaneamente um movimento histórico e uma configuração estética, pois “a literatura do Brasil [...] faz parte do conjunto das literaturas ocidentais, mas transforma-se à medida que se forma uma sociedade nova” (CANDIDO, 1999, p. 11). Essa observação destaca que a obra literária acompanha os processos sociais e também interfere neles, oferecendo novos modos de ver o mundo.

A literatura, portanto, é entendida não apenas como representação gráfica do real, contudo, como intervenção crítica. Mikhail Bakhtin reforça essa ideia ao compreender o texto literário como espaço de múltiplas vozes sociais. Para ele, “o enunciado é sempre perpassado por diversas posições sociais” (BAKHTIN, 1997, p. 289), e essa multiplicidade constitui o que ele denomina dialogismo. Dessa forma, a obra literária não é fruto de uma consciência solitária, porém, de uma tensão constante entre discursos em circulação na sociedade, o que amplia sua força crítica.

Em sentido complementar, Georg Lukács compreende o romance como a forma artística capaz de expressar contradições estruturais da vida moderna. Para ele, a narrativa romanesca nasce justamente quando “a alma já não conhece em si nenhum abismo que a possa atrair à queda ou impelir a alturas ínvias” (LUKÁCS, 2000, p. 25), isto é, quando o indivíduo se encontra em conflito com um mundo fragmentado e problemático. Assim, o romance é expressão de um tempo histórico marcado pela cisão entre sujeito e realidade, condição que o torna especialmente apto a representar desigualdades, tensões políticas e formas de dominação.

Terry Eagleton, por sua vez, destaca que a estética possui uma dimensão política, pois a arte é atravessada por ideologias. Em *A ideologia da estética*, ele observa que “Num determinado ponto de vista o estético é o ideológico. “[...] Essa resolução triunfante das contradições sociais depende de uma atividade para a qual, como Karl Marx comentou com

ironia, a classe média não tem muita disponibilidade.” (EAGLETON, 1993, p. 3-4), essa passagem é central porque evidencia que, para Eagleton, a estética não pode ser separada da ideologia, pois, ambas operam no mesmo terreno simbólico, mediando percepções e valores sociais. Assim, a obra literária não é um espaço neutro; ela absorve contradições históricas e políticas, se tornando um meio privilegiado para compreender.

Outro teórico é Umberto Eco (2015), aprofunda a participação ativa do leitor na construção do sentido. Na *Obra aberta*, Eco discute a ideia de que a obra literária é um campo de possibilidades, e não um objeto fechado. Logo no início, ele afirma que a arte moderna se caracteriza pela pluralidade interpretativa que permite ao leitor intervir “A obra aberta [...] representa antes a estrutura de uma relação frutiva, isto independentemente da existência prática, fatural, de obras caracterizáveis como ‘abertas’.” (ECO, 2015, p. 14-15). Este excerto evidencia que, para Eco, a obra é configurada pelo encontro entre texto e leitor, o que reforça a função crítica da literatura, já que diferentes leitores podem identificar dimensões históricas e ideológicas que não se encontram explicitadas de forma direta. A relevância desse pensamento para o presente trabalho reside no fato de que a leitura de romances que denunciam injustiças históricas não é meramente contemplativa, mas, se torna um exercício de interpretação ética e política.

A crítica literária contemporânea também reconhece que a literatura latino-americana opera em um espaço de tensão entre heranças coloniais e práticas culturais próprias. A perspectiva de Silviano Santiago, especialmente sua noção de “entre-lugar”, ajuda a compreender a produção literária que se inscreve em regiões periféricas ou historicamente marginalizadas, como a Amazônia. A literatura latino-americana emerge do confronto entre discursos coloniais e resistências locais, constituindo um espaço híbrido onde é possível reinscrever a história.

Assim, articulando essas bases teóricas, Candido (1999), Bakhtin (1997), Lukács (2000) e Eco (2015), se constrói um arcabouço conceitual que permite compreender como a literatura atua como espaço de crítica social, revelando contradições históricas, ideológicas e culturais. Esse referencial, ao enfatizar a multiplicidade de vozes, a fragmentação do mundo moderno e a abertura interpretativa da obra literária, fundamenta a leitura crítica das narrativas que problematizam processos de exploração, colonialidade e violência histórica.

1.3 Colonização E Resistência Cultural: A Amazônia Como Espaço De Conflito Simbólico

A colonização da Amazônia não foi apenas um processo de ocupação territorial ou de exploração econômica. Ela implicou, sobretudo, na imposição de modelos culturais externos que desconsideraram e, muitas vezes, negaram a diversidade de práticas e visões de mundo dos povos originários. Essa herança se projetou sobre a história do Brasil como um todo, porém, na Amazônia ela adquiriu um caráter mais dramático, pois coincidiu com processos de expropriação acelerada de recursos naturais e humanos.

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, reflete sobre como a formação histórica do país foi marcada por uma relação pouco clara entre o público e o privado, fruto de um modelo colonial em que interesses individuais prevaleceram sobre os coletivos, “A vida pública no Brasil sempre se ressentiu da dificuldade em distinguir o privado do coletivo” (HOLANDA, 1995, p. 146). Essa observação é central para compreender a Amazônia, onde elites políticas e econômicas se apropriaram da riqueza natural como se fosse patrimônio particular, ignorando o impacto sobre populações locais.

Eduardo Viveiros de Castro, por sua vez, amplia esse olhar ao discutir as consequências simbólicas da colonização. Em *A inconstância da alma selvagem*, ele ressalta Castro afirma, “A imposição do modelo europeu sobre as sociedades indígenas significou a recusa de outras formas de existir e de compreender o mundo, reduzindo a diversidade cultural a um padrão único de civilização.” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 89). O que evidencia que a colonização não foi apenas material, mas também epistemológica, pois impôs modos de pensar, sentir e habitar o mundo, relegando as cosmologias indígenas à condição de “primitivas”. Na Amazônia, esse processo significou silenciamento e marginalização de povos que tinham modos de vida profundamente integrados à floresta. É nesse ponto que a literatura de Márcio Souza se inscreve como resistência cultural.

Tenório Telles, ao analisar a obra do autor, observa que “Márcio Souza utiliza a ficção como forma de desvelar a exploração a que foram submetidos o homem e a natureza amazônicas, questionando a versão oficial do progresso” (TELLES, 2009, p. 87). Assim, a resistência cultural não está apenas no conteúdo histórico, mas também na forma literária que Souza escolhe, por isso a sátira, a hipérbole e o humor são recursos para minar o discurso dominante.

Beatriz Resende também ressalta a dimensão política da literatura amazônica. Para ela literatura amazônica deve ser lida como prática cultural que articula estética e política, refletindo os conflitos sociais e ambientais que atravessam a região (RESENDE, 2003). Essa articulação evidencia que narrar a Amazônia é sempre participar de um embate simbólico, entre

o olhar colonizador, que tenta homogeneizar e explorar, e o olhar da resistência, que busca resgatar pluralidades e afirmar identidades.

Em síntese, pode-se afirmar que a Amazônia, mais do que um espaço geográfico, é também um espaço simbólico em disputa. A colonização deixou marcas profundas, mas a literatura, ao recontar e problematizar a história, abre caminho para novas leituras e para a valorização de saberes marginalizados. Esse é o sentido maior da obra de Márcio Souza produzir resistência cultural contra a homogeneização imposta pela colonização.

2. METODOLOGIA

A Amazônia ocupa posição central nas discussões sobre identidade, história e política no Brasil, uma vez que busca compreender a crítica social e política na obra de Márcio Souza a partir da análise interpretativa de textos literários e teóricos. Segundo Gil (1991, p. 48), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Essa definição reflete o caráter deste estudo, que se fundamenta na leitura, interpretação e críticas de obras literárias de Márcio Souza como meio de compreender as múltiplas representações da Amazônia e suas problemáticas históricas.

De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 83), “a pesquisa bibliográfica busca conhecer e analisar as contribuições teóricas já existentes sobre determinado assunto”. Assim, este trabalho parte da análise das obras *Galvez*, *Imperador do Acre* e *Mad Maria*, de Márcio Souza, e as relaciona com referenciais teóricos que discutem a literatura enquanto instrumento de crítica social e resistência, como Antônio Candido (2009), Mikhail Bakhtin (1997), Umberto Eco (2015), Terry Eagleton (1993), Roberto Schwarz (1977) e Georg Lukács (2000).

A abordagem qualitativa foi escolhida porque permite compreender o fenômeno literário de forma interpretativa, considerando o contexto histórico e cultural das obras. Segundo Severino (2017, p. 105), “a pesquisa qualitativa preocupa-se mais com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização ou de um fenômeno, do que com a representação numérica de amostras”. Essa perspectiva é essencial para analisar as camadas simbólicas e discursivas das narrativas de Márcio Souza, nas quais a ironia e o realismo histórico servem como ferramentas de denúncia e resistência.

No âmbito metodológico da crítica literária, Candido (2009, p. 9) afirma que “a literatura é uma forma de conhecimento, uma maneira de apreender o mundo e o homem”. Essa concepção justifica a escolha de um método que une a análise textual e a reflexão social, já que

as obras de Souza não se limitam à ficção, mas se constituem como atos de resistência cultural. A leitura dialógica proposta por Bakhtin (1997), pois, reconhece a multiplicidade de vozes que compõem o texto literário. Para o autor, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 1997, p. 279), e essa perspectiva permite analisar as narrativas amazônicas como discursos em confronto com o poder e a história.

A concepção de Umberto Eco sobre a “obra aberta” é igualmente essencial, pois justifica a leitura literária como um processo de interpretação ativa, em que o leitor constrói sentidos a partir da interação com o texto. Ao discutir o caráter participativo da leitura, Eco destaca que:

A obra aberta não é uma mensagem ambígua ou indecisa, mas uma estrutura que prevê a colaboração do intérprete. Ela oferece ao leitor a possibilidade de escolher, de modo responsável, entre as diversas leituras possíveis, cada uma delas legítima dentro dos limites do campo de possibilidades determinado pela própria obra. Assim, a leitura deixa de ser uma recepção passiva e se transforma em ato criativo, em um processo de coautoria.
(ECO, 2015, p.45)

Nesse fragmento, Eco reforça que a literatura é um espaço de diálogo e participação. No contexto deste trabalho científico, tal concepção se aplica à obra de Márcio Souza, que exige do leitor uma postura crítica diante da ironia, da intertextualidade e das camadas históricas presentes nas narrativas analisadas. Ler *Galvez*, *Imperador do Acre* ou *Mad Maria* não é apenas acompanhar uma história, é decifrar uma construção simbólica que convida à reflexão sobre o poder, a colonização e o próprio ato de narrar.

A pesquisa também a análise também se ancorou em Lukács (2000), que compreende o romance como a forma literária capaz de expressar as contradições da sociedade moderna. Para ele, “o romance é a epopeia de um mundo abandonado por Deus” (LUKÁCS, 2000, p. 23), ou seja, um espaço em que o escritor busca restituir o sentido humano perdido nas estruturas sociais e históricas. Essa visão é coerente com o projeto literário de Souza, cuja obra expõe as contradições entre modernização e exclusão, progresso e destruição ambiental.

A análise das obras *Galvez*, *Imperador do Acre* e *Mad Maria* foi desenvolvida a partir de um procedimento metodológico baseado na **leitura temática comparativa**, que permitiu identificar como Márcio Souza articula críticas históricas e sociais por meio de diferentes estratégias narrativas. Após leituras exploratórias e fichamentos sistemáticos, organizou-se a interpretação em três grandes eixos: **(1) a ironia como desmascaramento histórico**, observada especialmente em *Galvez*, onde a paródia e o humor desmontam discursos de poder e narrativas oficiais; **(2) a violência do progresso e o corpo operário**, analisada em *Mad Maria*, que expõe

as consequências humanas e ambientais da modernização forçada na Amazônia; e **(3) colonização e resistência cultural**, temática presente em ambas as obras, revelando continuidades entre o colonialismo histórico e o neocolonialismo estrutural que atravessa a região. Esses eixos foram definidos a partir da recorrência de elementos narrativos e discursivos compartilhados entre os romances, permitindo que a interpretação fosse além da análise isolada dos textos e alcançasse uma leitura integrada da crítica social proposta pelo autor.

A partir dessa organização temática, procedeu-se à identificação e seleção de trechos significativos das duas obras que expressam essas problemáticas, ironia política, exploração do corpo trabalhador, apagamento de identidades culturais, presença estrangeira, devastação ambiental, entre outras. Em seguida, essas passagens foram articuladas ao referencial teórico previamente estabelecido Candido (2009), Bakhtin (1997), Eco (2015), Eagleton (1993), Schwarz (1977), Lukács (2000), permitindo interpretar como a literatura atua como instrumento de resistência e denúncia. Assim, a análise foi pensada não apenas para demonstrar *o que* os romances narram, mas *como* Márcio Souza mobiliza procedimentos estéticos, ironia, hiperbolização, realismo trágico, polifonia, para evidenciar formas históricas de exploração. O estudo das obras, portanto, foi conduzido por meio de uma análise temática integrada, que reconhece que as mesmas tensões, colonialismo, violência do progresso e resistência cultural, atravessam ambos os romances, embora se manifestem por estratégias literárias distintas.

Dessa forma, o procedimento metodológico articula leitura, interpretação e diálogo teórico, promovendo uma análise crítica das obras literárias em seu contexto histórico, político e cultural. Barthes (2004, p. 35) reforça essa perspectiva ao afirmar que “a escrita é uma relação entre criação e sociedade”, e que toda narrativa carrega em si uma ideologia implícita. O estudo, portanto, considera a literatura de Márcio Souza não apenas como representação estética, mas como um ato político de linguagem.

A metodologia aqui proposta articula os princípios da pesquisa bibliográfica e da análise qualitativa, orientando-se por uma leitura dialógica e interpretativa das obras literárias. Mais do que descrever procedimentos, este método busca compreender o texto literário como fenômeno social, simbólico e histórico.

Assim, a análise das obras de Márcio Souza foi conduzida como um processo de investigação crítica Candido (2009), em que cada leitura teórica e literária contribuiu para revelar a função da literatura como instrumento de resistência. Ao integrar teoria e interpretação, este estudo reafirma que a crítica literária não é apenas uma atividade analítica,

mas um gesto ético e político, pois compreender a literatura amazônica é também reconhecer sua voz como denúncia das desigualdades e celebração das múltiplas identidades culturais Santiago (1971) que resistem na floresta e na linguagem.

3.1 A IRONIA COMO DESMASCARAMENTO HISTÓRICO EM *GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE*

A análise de *Galvez, Imperador do Acre* revela que Márcio Souza utiliza a ironia como principal ferramenta para desnudar as contradições históricas que moldaram a ocupação da Amazônia no final do século XIX. Longe de reproduzir uma narrativa heroica, o autor subverte o discurso oficial ao apresentar personagens movidos por interesses privados, ambições pessoais e farsesco improvisado político. Como observa Antonio Candido (2009), a literatura tem a capacidade de “revelar tensões ocultas na vida social”, e é exatamente essa função que orienta a construção irônica do romance. Ao questionar a autenticidade dos fatos históricos, Souza expõe as máscaras do poder e revela os mecanismos de exploração que sustentam a formação do Acre brasileiro.

Desde as primeiras páginas, percebe-se que a ironia não é apenas recurso estilístico, todavia, fio condutor do enredo. O protagonista Galvez é retratado como aventureiro oportunista, e não como herói fundador. Em um trecho emblemático, o narrador comenta “Galvez não era um salvador da pátria, era apenas um espanhol esperto que sabia aproveitar o momento” (SOUZA, 1976, p. 12). Essa descrição irônica desmitifica a figura do líder revolucionário e evidencia o caráter improvisado e profundamente pessoal do projeto “independentista” acreano. A narrativa desmonta, assim, o discurso histórico que costuma glorificar movimentos regionais como expressões de patriotismo ou liberdade.

A ironia atinge seu ápice quando Márcio Souza apresenta o processo de “fundação” do Estado Independente do Acre como uma comédia política. O decurso abaixo, retirado da obra *Galvez, Imperador do Acre*, exemplifica com clareza o uso da ironia como crítica direta às farsas históricas:

A ata de fundação do novo Estado foi escrita às pressas, com erros de português, e assinada por homens que mal entendiam o que estavam proclamando. Galvez, com sua habitual ousadia, proclamou-se Imperador antes mesmo que a população soubesse da existência do novo país. Tudo parecia uma brincadeira, mas era assim que se faziam as revoluções naquele pedaço esquecido da Amazônia. (SOUZA, 1976, p. 37).

Este excerto comprova a habilidade do autor em transformar a fundação do Estado do Acre em uma sátira histórica que desmonta a lógica do heroísmo e expõe o caráter improvisado das estruturas de poder. Ao descrever erros gramaticais na ata, assinaturas cegas e uma população alheia ao processo, Souza revela o abismo entre a realidade amazônica e os discursos oficiais que, posteriormente, romantizaram tais eventos. Em diálogo com Bakhtin (1997), se pode dizer que o romance opera pela “carnavalização da história”, isto é, pelo uso do riso e da paródia para desmontar hierarquias e revelar tensões silenciadas.

A ironia também funciona como denuncia de um colonialismo renovado, operado por estrangeiros e elites locais. Como salienta Terry Eagleton (1993), a literatura pode “expor ideologias ao mostrar seu próprio funcionamento”, e é precisamente isso que Márcio Souza faz ao inserir Galvez (um estrangeiro sem compromisso com o povo) como figura central da narrativa. Quando o narrador afirma que “o Acre sempre fora mercadoria nas mãos de quem tivesse força para tomá-lo” (SOUZA, 1976, p. 41), revela-se a lógica colonial e mercantil que transformou a região em objeto de disputa geopolítica, apagando as experiências dos trabalhadores, indígenas e seringueiros. Nesse sentido, a ironia cumpre importante função de resistência cultural.

Roberto Schwarz (1977) afirma que a forma literária pode revelar contradições estruturais da sociedade, e em *Galvez* essa revelação ocorre quando o narrador expõe a farsa como método de governo. A paródia desestabiliza o discurso oficial e devolve ao leitor a capacidade de questionar aquilo que se apresenta como verdade histórica. Assim, a ironia se torna instrumento de desmascaramento e de crítica à tradição política brasileira fundada no improvisado e no clientelismo, características que Sérgio Buarque de Holanda (1995) já identificara como traços persistentes da formação nacional.

Assim, ao utilizar a ironia como ferramenta de leitura do passado, Márcio Souza demonstra tanto a fragilidade das narrativas oficiais quanto as estruturas coloniais que marcam a história amazônica. Essa estratégia abre caminho para uma compreensão mais ampla das formas de exploração que atingiram a região, permitindo uma ponte direta com o próximo tópico desta análise. Se em *Galvez* a ironia revela a farsa do poder, em *Mad Maria* o autor abandona o humor para mostrar a face trágica do progresso, centrada na destruição ambiental e na violência exercida sobre o corpo operário.

3.2 A violência do progresso em *Mad Maria*: modernização, exploração e corpo operário

Em *Mad Maria*, Márcio Souza abandona o tom farsesco que caracteriza *Galvez, Imperador do Acre* e assume um registro narrativo marcado pelo trágico e pela brutalidade. A obra revela o impacto da modernização forçada na Amazônia por meio da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, expondo a precarização da vida operária, a destruição ambiental e a violência estrutural que sustentou esse projeto de “progresso”. Como aponta Lukács (2000), o romance é capaz de evidenciar as contradições históricas que moldam a vida social, e em *Mad Maria* essas contradições surgem de forma contundente, pois o discurso civilizatório colide com a realidade do sofrimento material, transformando a obra em denúncia da lógica capitalista que via a região como espaço descartável.

Desde o início, o romance apresenta a Amazônia como um ambiente hostil não pela natureza, todavia, pela ação humana. O narrador enfatiza a violência do empreendimento ao afirmar que “A ferrovia avançava devorando homens como se fossem coisas substituíveis” (SOUZA, 1980, p. 27). Essa frase articula dois aspectos centrais do romance, a desumanização dos trabalhadores e a lógica da modernização destrutiva. A obra revela que, sob o pretexto de progresso, operários eram tratados como engrenagens descartáveis, expostos a doenças, acidentes e à completa ausência de condições sanitárias.

O trecho a seguir, retirado diretamente da obra *Mad Maria*, representa com força a dimensão trágica da experiência operária e funciona como uma das passagens mais emblemáticas da obra:

Os homens continuavam morrendo todos os dias. A febre os devorava em questão de horas, como se o corpo desistisse de lutar antes mesmo que o remédio chegasse. Alguns eram enterrados sem nome, outros simplesmente desapareciam na mata, tragados pelo pântano ou por feras que ninguém se dava ao trabalho de identificar. Mas a obra não parava, porque a empresa tinha prazos e a morte não constava entre os impedimentos legais do contrato.

(SOUZA, 1980, p. 56).

Esse excerto evidencia a crueldade sistêmica que permeia o romance, corpos que desaparecem, mortes naturalizadas e a absoluta indiferença institucional diante da tragédia humana. É nesse ponto que a narrativa revela sua força crítica sobre o progresso, exaltado pelos discursos oficiais e pelos interesses estrangeiros, mas desmascarado como processo de produção de cadáveres. A descrição de trabalhadores enterrados sem nome ou simplesmente “desaparecidos na mata” não apenas documenta uma realidade histórica como também denuncia a lógica econômica que transforma vidas em estatísticas.

Do ponto de vista teórico, essa representação dialoga diretamente com Eagleton (1993), para quem a literatura pode expor a “ideologia do progresso” ao revelar suas contradições internas. Também se aproxima da análise de Schwarz (1977), que identifica na modernização brasileira um processo assimétrico, no qual o avanço técnico convive com práticas arcaicas de exploração. Em *Mad Maria*, a construção da ferrovia é simultaneamente símbolo de modernidade e de barbárie, um “progresso que mata”, como demonstra Márcio Souza ao narrar a experiência dos operários submetidos a jornadas exaustivas, fome e doenças tropicais.

A destruição ambiental é outro elemento central da crítica. Souza descreve a floresta como vítima do empreendimento, mostrando como a tentativa de impor técnicas europeias à selva amazônica revela um choque epistemológico e civilizatório. Em um trecho significativo, o narrador observa que “a mata parecia querer engolir de volta aquilo que os homens teimavam em abrir” (SOUZA, 1980, p. 44), sugerindo que o progresso imposto não apenas violenta corpos humanos, outrossim, esgarça o equilíbrio ambiental. Essa representação ecoa a crítica anticolonial presente em Viveiros de Castro (1996), cuja reflexão sobre a relação entre humanidade e natureza mostra como o projeto ocidental de modernidade tende a destruir aquilo que não compreende.

A violência do progresso, portanto, é representada em múltiplas camadas: física, ambiental, psicológica e simbólica. Cada uma delas demonstra como a modernização amazônica operou pela via da força, e não pela negociação cultural. Como destaca Antonio Candido (2009), a literatura revela aquilo que a história oficial tenta ocultar, e *Mad Maria* cumpre essa função ao trazer à tona a voz dos invisibilizados, os operários, indígenas e ribeirinhos que pagaram com a vida pela ferrovia que nunca funcionou plenamente. Assim, enquanto em *Galvez* a ironia expõe a farsa política, em *Mad Maria* o riso cede lugar à tragédia, e o romance revela a face mais brutal da modernização amazônica.

3.3 COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL: A AMAZÔNIA COMO ESPAÇO DE CONFLITO SIMBÓLICO

A Amazônia, ao longo da história, se constituiu como um território marcado pela presença simultânea de imposições coloniais e formas plurais de resistência cultural. Em *Galvez, Imperador do Acre*, Márcio Souza analisa essa tensão ao demonstrar como interesses estrangeiros, projetos geopolíticos e práticas comerciais transformaram a região em um espaço de disputa simbólica e material. A narrativa desfaz idealizações sobre a ocupação da Amazônia, substituindo a ideia de um território vazio pela evidência de que ele foi palco de intensos

conflitos entre distintos regimes de saber, poder e produção cultural. Tal perspectiva dialoga com *Raízes do Brasil* (1995), de Sérgio Buarque de Holanda, ao apresentar a ocupação de territórios como a herança colonial moldou instituições e comportamentos e também com Viveiros de Castro, ao sublinhar que a colonização implicou a tentativa de silenciar cosmologias indígenas e reconfigurar violentamente a organização social da floresta.

A obra de Souza confronta diretamente essa tradição colonizadora ao demonstrar que a Amazônia nunca foi um receptáculo passivo do olhar estrangeiro. Em diversas passagens, o narrador revela como o Acre se tornou objeto de disputa entre seringalistas, comerciantes e aventureiros estrangeiros, todos interessados em explorar seus recursos. Em uma referência significativa do romance é afirmado que “O Acre sempre fora mercadoria nas mãos de quem tivesse força para tomá-lo” (SOUZA, 1976, p. 41). Essa frase sintetiza a lógica colonial que reduz o território (e, por extensão, seus povos) à condição de produto econômico. Ao mesmo tempo, revela o distanciamento entre as práticas políticas regionais e qualquer noção de soberania construída a partir do povo amazônida, afastado das decisões que definem seu destino.

O conflito simbólico se torna ainda mais evidente quando o narrador revela o caráter precário e improvisado das instituições locais, desmontando qualquer pretensão de solenidade ou legitimidade política. A descrição do destacamento militar é exemplar nesse sentido, pois expõe o simulacro de autoridade que sustentava a administração regional:

Os policiais do Presídio eram poucos. Mais ou menos cinco, incluindo o comandante, que às vezes usava um uniforme emprestado do Exército. (...) O comandante, que gostava de se apresentar como pessoa de prestígio, passeava fardado, mas sem pistola, porque a única que havia no quartel não funcionava. (...) Os homens do destacamento vestiam fardas remendadas, com divisas incorretas (...) e carregavam espingardas velhas, herdadas de outros destacamentos que haviam sido extintos.

(SOUZA, 1976, p. 22–23)

O tom satírico desconstrói a narrativa colonial de origem Santiago (1971) mostrando que o suposto aparato estatal não era mais que uma paródia mal remendada de instituições nacionais, o que reforça a leitura da formação política do Acre como farsa, preparando, inclusive, o terreno para a ironia que marcará a autoproclamação de Galvez no restante da obra.

A “brincadeira” que funda um país indica que, para os agentes externos, a Amazônia era território disponível para experimentações política. que ignoravam seus habitantes. A análise desse processo se aproxima da reflexão de Silviano Santiago no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano* (1971), onde o autor argumenta que as produções latino-

americanas ocupam uma posição de tensão entre discursos hegemônicos europeus e formas locais de expressão. Assim, a ironia de *Galvez* evidencia esse entre-lugar como um Acre imaginado pelos estrangeiros, contudo, vivido e resistido pelos sujeitos amazônicos.

O romance também revela formas de resistência cultural que se manifestam pela recusa em se integrar completamente ao projeto colonial. Personagens secundários (seringueiros, trabalhadores, comerciantes locais) demonstram conhecimento próprio sobre a região, testemunhando que, apesar das tentativas de controle, a Amazônia é espaço de saberes que escapam às lógicas importadas. Essa resistência aparece de maneira implícita quando o narrador comenta que “a população assistia a tudo com desconfiança, habituada às promessas de estrangeiros que nunca se cumpriam” (SOUZA, 1976, p. 39). Aqui, a desconfiança popular funciona como forma de leitura crítica do processo colonial, revelando que a consciência regional não se deixa enganar facilmente pelo espetáculo político.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as formulações de Eduardo Viveiros de Castro sobre a relação entre os povos indígenas e a colonização, marcada por choques de cosmologias. Embora *Galvez* não se concentre na vida indígena, o romance expõe o mesmo mecanismo estrutural como, o esforço colonial de impor uma visão única sobre um território culturalmente plural. Nesse sentido, a obra reafirma que a Amazônia não é mero cenário de exploração, mas, espaço de resistência simbólica que se reconfigura constantemente diante das pressões externas.

Ao expor a Amazônia como campo de conflitos materiais e discursivos, Márcio Souza contribui para desmontar visões folclorizadas sobre a região. Sua narrativa evidencia que o território amazônico é resultado de interações históricas complexas entre colonizadores, comerciantes, trabalhadores e populações locais, cada qual disputando sentidos e legitimidades. Tal leitura prepara o terreno para a conclusão deste estudo, na qual se articula de forma mais ampla como *Galvez* e *Mad Maria*, embora distintos em tom e estrutura, convergem na denúncia das forças coloniais, econômicas e políticas que moldaram (e continuam moldando) a vida amazônica.

Conclusão

A análise das obras *Galvez*, *Imperador do Acre* e *Mad Maria*, de Márcio Souza, possibilitou compreender como a literatura amazônica se configura como um espaço privilegiado de crítica social, política e histórica. Ao articular ficção e história, os romances analisados evidenciam que a formação da Amazônia foi marcada por processos de dominação,

exploração e violência que permanecem inscritos nas estruturas sociais e nos discursos que tentam definir a região.

Em *Galvez, Imperador do Acre*, a ironia desempenha papel central ao desmontar narrativas oficiais e expor o caráter farsesco dos acontecimentos que envolveram a disputa pelo território acreano. Ao subverter mitos de origem e revelar o improviso, o oportunismo e a manipulação política presentes nesse processo, Márcio Souza evidencia a persistência de traços coloniais que, como aponta Sérgio Buarque de Holanda, estruturam a formação histórica da sociedade brasileira. A ironia, nesse sentido, não se limita à crítica do passado, mas torna visível o conflito simbólico gerado quando discursos externos buscam definir a Amazônia a partir de interesses alheios à realidade local.

Em *Mad Maria*, o registro narrativo se desloca do riso para a tragédia. A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré é apresentada como símbolo de um progresso que se impõe de forma violenta, transformando corpos humanos em peças descartáveis e a floresta em obstáculo a ser vencido. A morte cotidiana dos trabalhadores, a degradação ambiental e a lógica econômica que subordina a vida aos interesses do capital configura uma denúncia contundente dos projetos de modernização forçada na região. A narrativa evidencia, assim, o caráter excludente e predatório desse modelo de desenvolvimento, revelando contradições que a literatura torna visíveis e problematiza criticamente.

A leitura articulada dos dois romances demonstrou que, apesar das diferenças estéticas e narrativas, ambos convergem para um mesmo núcleo crítico: a compreensão da Amazônia como território historicamente tratado como espaço disponível para experimentações políticas, econômicas e ideológicas. Essa condição evidencia que a colonização da região não se deu apenas no plano material, mas também no simbólico e no epistemológico, ao impor formas externas de organização, conhecimento e poder. Ao evidenciar essas dinâmicas, a obra de Márcio Souza contribui para uma compreensão mais aprofundada das intencionalidades e dos conflitos que atravessam o território amazônico, aspecto relevante não apenas para os estudos literários, mas também para reflexões mais amplas sobre políticas públicas e desenvolvimento regional.

Dessa forma, este estudo demonstrou que *Galvez, Imperador do Acre* e *Mad Maria* reafirmam a literatura como instrumento de crítica, memória e resistência cultural. Ao narrar a Amazônia a partir de suas próprias tensões históricas, sociais e simbólicas, Márcio Souza reinscreve a região como sujeito de sua própria história, deslocando discursos hegemônicos e

desnaturalizando versões oficiais. As contribuições deste trabalho residem, portanto, na valorização da literatura amazônica como espaço de produção de conhecimento crítico, capaz de ampliar a compreensão sobre os processos de colonização, modernização e resistência que continuam a marcar a realidade amazônica.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- COELHO, Marcos; FURTADO, Andrea. *A figuração da Amazônia em Mad Maria, de Márcio Souza*. Revista Asas da Palavra, v. 11, n. 2, p. 101-115, 2017.
- CRUZ, José Dalvo Santiago da. *A contemporaneidade do romance histórico Mad Maria, de Márcio Souza: breve abordagem hegeliana sobre o desenvolvimento da História Universal*. Revista Igarapé, v. 1, n. 1, p. 116-127, 2012.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIMA, José Maurício Machado de. (org.). *Excessivos benefícios sem grandes sacrifícios: natureza e colonização na obra de Márcio Souza*. Belém: UFPA, 2020.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- OLIVEIRA, José Anderson de; CASTRILLON-MENDES, Rafael. *Relação entre ficção e história: uma leitura de Mad Maria, de Márcio Souza*. Revista Odisseia, v. 2, n. 2, p. 141-156, 2017.

OLIVEIRA, Luciano Barbosa; SANTOS, Ana Lúcia; BARBOSA, Carlos Eduardo. *Excessivos benefícios sem grandes sacrifícios: natureza e colonização na obra de Márcio Souza*. *Revista Interdisciplinar*, v. 15, n. 2, p. 255-270, 2020.

PRATES, Daniela; BACHA, Edmar. *Os processos de desenvolvimento na Amazônia*. Brasília: IPEA, 2011.

RESENDE, Beatriz. *Literatura e cultura na Amazônia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

RESENDE, Beatriz. *Literatura e cultura na Amazônia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. Cadernos Ultramares. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

SANTOS, Maíra Bastos dos. *GALVEZ Imperador do Acre, de Márcio Souza: um folhetim oficial*. [S. l.: s. n.], 2005.

SANTOS, Maíra Bastos dos. *Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza: um “folhetim oficial” da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SANTOS, Maíra Bastos dos. *Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza: um “folhetim oficial” da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, Márcio. *Galvez, Imperador do Acre*. 19ª Ed. (2ª Ed. Record) Rio de Janeiro: Record, 2010.

SOUZA, Márcio. *Mad Maria*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TELLES, Tenório. *Márcio Souza: o teatro da resistência*. Manaus: Editora Valer, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 1996.